



SEÇÃO: LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEA

A tematização das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, através da presença dos orixás, na narrativa infantil negro-brasileira contemporânea: uma análise de *As férias fantásticas de Lili* (2018), de Livia Natália, à luz das perspectivas decoloniais¹

The thematic of religions of African and Afro-Brazilian matrices through the presence of orixás in contemporary black-Brazilian childish narrative: an analysis of As férias fantásticas de Lili (2018), by Livia Natália, according to the decolonial perspectives

**Rayron Lennon Costa
Sousa²**

orcid.org/0000-0002-7052-0031
rayron.sousa@ufma.br

**Diógenes Buenos Aires
de Carvalho³**

orcid.org/0000-0002-1593-4952
dbuenosaires@uol.com.br

Recebido em 01/02/2023.

Aceito em 12/10/2023.

Publicado em 30/11/23.

RESUMO: Este artigo apresenta uma discussão em torno da tematização das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, através da presença dos orixás, na narrativa infantil contemporânea negro-brasileira, seguindo a orientação teórica das epistemologias decoloniais, objetivando analisar a importância dessa ancestralidade divinizada na possibilidade de contribuir para o respeito à diversidade religiosa, especificamente a iourubana, tomando como *corpus* de análise a obra *As férias fantásticas de Lili* (2018), da escritora negra Livia Natália. Portanto, intentou-se contribuir com as discussões contemporâneas sobre a tematização, o respeito e a tolerância ancoradas na realidade de serem as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras e suas especificidades pouco tematizadas no universo da literatura infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil Negro-brasileira Contemporânea. Religiões de Matrizes Africanas e Afro-brasileiras. Orixás. *As férias fantásticas de Lili*. Decolonialidade.

ABSTRACT: This article presents a discussion around the thematic of religions of African and Afro-Brazilian matrices, through the presence of orixás, in the contemporary black-Brazilian childish narrative, following the theoretical orientation of decolonial epistemologies, aiming to analyze the importance of this deified ancestry in the possibility to contribute to the respect for religious diversity, specifically Yoruba, taking as a corpus of analysis the *As férias fantásticas de Lili* (2018), by the black writer Livia Natália. Therefore, an attempt was made to contribute to contemporary discussions on thematization, respect and tolerance anchored in the reality of being African and Afro-Brazilian religions and their specificities little thematized in the universe of children's literature.

KEYWORDS: Contemporary black-Brazilian Childish Literature. African and Afro-Brazilian Religions. Orixás. *As férias fantásticas de Lili*. Decoloniality.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Este artigo é um recorte da tese de doutorado *A literatura infantil negro-brasileira contemporânea de autoria feminina negra: teorias decoloniais, projetos literários e poéticas insubmissas*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), defendida em 2023, sob orientação do Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

² UFMA, Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, São Bernardo, MA, Brasil.

³ UESPI, Curso de Letras Português, Teresina, PI, Brasil.

Considerações iniciais

A literatura infantil contemporânea tem sido tomada como um espaço que instiga seus leitores para uma diversidade de temas e autorias. Parte desse movimento se deu graças à ampliação do mercado editorial e da incursão de grupos minoritários via movimentos sociais, além do surgimento da legislação vigente – Lei n. 10.639/03 e 11.645/08 (BRASIL, 2003, 2008) –, o que demarca, contemporaneamente, a conjugação entre a autoria e a temática negro-brasileira, pois ao considerarmos os estudos da crítica e da análise literária nos dias atuais, percebemos que o texto literário está intrinsecamente ligado aos contextos social, histórico e ideológico, cuja essência transcende as noções da crítica tradicional que desconsiderava e/ou retalhava essas relações.

Na esteira de se observar os mais variados elementos presentes no texto literário a partir de uma ótica que privilegie uma crítica do que o compõe: contexto histórico, composição literária, leitura, circulação, recepção estética e, de forma mais assertiva, a inter-relação entre autor, obra e leitor, conforme entendemos como tríade inseparável (COMPAGNON, 2003; ECO, 1993a, 1993b), compreendemos suas potencialidades e como esse texto literário pode ser considerado como porta-voz de uma coletividade, atuando em prol de sua positividade, como é o caso da tematização das religiões e religiosidades africanas e afro-brasileiras.

A partir das subjetividades que integram a natureza do texto literário contemporâneo, uma das principais motivações desta pesquisa considerou a situação atual dos estudos literários no que diz respeito à literatura infantil negro-brasileira, no sentido de indicar a necessidade de adensamento de suas temáticas a partir das perspectivas da autoria feminina negra, considerando, para tanto, o avanço das últimas décadas em virtude da ampliação dos acervos e do acesso aos meios de produção e divulgação de suas obras. Nessa direção, buscou-se analisar a importância da presença dos orixás nas narrativas infantis contemporâneas e como contribuem para o respeito à diversidade religiosa africana e afro-brasileira,

considerando as potencialidades da literatura infantil à luz das teorias decoloniais. Para tanto, seguimos as orientações teóricas de Sidnei Nogueira, em *Intolerância Religiosa* (2020), de que é interessante mencionar a positividade desses traços, das marcas ancestrais, reverenciando suas histórias, suas manifestações culturais e religiosas, bem como as lutas dos povos africanos e afro-brasileiros.

A presente pesquisa contribui com as discussões contemporâneas sobre respeito e tolerância, ancorada na realidade de serem as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras pouco tematizadas no universo da literatura infantil. É importante enfatizar que parte disso se dá em virtude da intolerância religiosa encabeçada secularmente pela igreja católica, paralelamente aos estigmas atrelados pela Europa ao que se relaciona ao negro, processo histórico esse que demonizou não somente as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, mas anteriormente a essas, as indígenas. A partir dessas demandas, justifica-se a produção de um contradiscurso que fortaleça tal abordagem e sua tematização, pois as experiências humanas e suas representações movimentam o leitor para a possibilidade de autoidentificação e para um possível despertar de sua sensibilidade.

No bojo desses tensionamentos, Conceição Evaristo (2007), enfatizando acerca do corpo negro e suas tematizações, discorre sobre o contradiscurso como resultado desses movimentos paralelamente à compreensão da existência e do apagamento de séculos de história negada e de silenciamentos, pois no *devir* e no *ser* negro, se projetaram, se endossaram e se ressignificaram os estereótipos para que esses se mantivessem nas zonas subalternas, destituídos de tudo, inclusive do direito de professar sua fé, entre religião e religiosidade, não podendo cultuar seus ancestrais e orixás. O contradiscurso, nesse sentido, é uma forma de tirá-los desse aprisionamento, subvertendo as lógicas opressoras e trazendo à tona suas dinâmicas, suas identidades, seus modos de ver e pensar o mundo, e suas cosmovisões.

No atual contexto da crítica literária no tocante

às possibilidades da literatura infantil, é importante ratificar que o contradiscurso literário é resultado da reivindicação de lugares de fala⁴, de escutas e da necessidade de afrocentrar (ASANTE, 2019), o que atua na direção de desarticular os mecanismos que vão pensar e articular o *modus operandi* da *Colonialidade do Poder, do Ser e do Saber* sobre as vidas de negros e negras em situação de vulnerabilidade e interdição (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2019), pois já é sabido que na tradição literária essas representações sempre se mantiveram inalteradas para a manutenção do poder, ou seja, negros e negras e suas dinâmicas sempre representados como os constituidores da desordem e da classe perigosa que precisava ser presa e criminalizada.

A literatura infantil negro-brasileira contemporânea repousa na intensidade das relações entre Brasil, África e suas diásporas, ao mesmo tempo que representa e positiva no literário as vivências e convicções afrocentradas. Lili, a menina que viaja à África para conhecer e ter o que escrever em sua redação, anseia por uma reparação histórica (pelo passado escravizado), na esperança de se superar as opressões intersectadas sobre os corpos negros e suas crenças, através de políticas, de saberes excêntricos e afrocentrados, em que se insere as potencialidades e possibilidades do trabalho com essa produção literária, pois recolhendo um coletivo de vozes, meninas negras como Lili, a título de ilustração, comunicam o tangível e o intangível de uma realidade dura, entre desvios, omissões, genocídios, intolerâncias e, ao mesmo tempo, os diversos epistemicídios⁵. É contra uma política de apagamentos físicos e simbólicos e, sobretudo, por uma poética de transformação social através da humanização, segundo o que discorre Candido (2011).

As férias fantásticas de Lili, de Livia Natália

possibilita, de antemão, o enfrentamento à intolerância religiosa, no tocante à relação entre a protagonista, Lili, e os orixás que, protegendo a menina e cuidando de seus afazeres, trazem à tona a diversidade iourubana de uma forma singular e positivada, característica inédita nas narrativas infantis produzidas por mulheres negras. No tocante à metodologia, a pesquisa é de natureza básica, caracterizada como análise-crítica qualitativa, precedida de revisão bibliográfica a partir das categorias Literatura Negro-brasileira, Literatura Infantil Contemporânea, Contradiscurso, Intolerância Religiosa e Decolonialidade. Para tanto, recorreremos às discussões de Nogueira (2020), Miranda (2019), Spivak (2010), Santiago (2020), Akotirene (2019), entre outros(as).

O artigo se divide em cinco seções: a introdução apresenta o percurso, as motivações e os objetivos da pesquisa; a segunda seção, intitulada *Literatura Infantil Negro-brasileira Contemporânea como contradiscurso: autoria, obras literárias e decolonialidade*, contempla as perspectivas da literatura contemporânea como desarticuladora da Colonialidade, entrecruzando, no universo da literatura infantil, questões como autoria, obra e perspectivas teórico-críticas, como o pensamento decolonial. A terceira seção, *Por Enredos, Temáticas e Protagonismos Decoloniais*, ao mesmo tempo que amplia, afunila as discussões nas tramas e nos protagonismos decoloniais que emergem das margens para reescrever e refundar as representações na cena literária. A análise ocorre na penúltima seção, *As férias fantásticas de Lili*, de Livia Natália, em que se identifica a presença dos orixás e como a diversidade iourubana é representada. As Considerações finais apresentam as intersecções entre a discussão teórica, a análise-crítica da narrativa e como esta potencializa o respeito à diversidade religiosa e a positivação das religiões africanas e afro-brasileiras.

⁴ Segundo Djamilia Ribeiro em *Lugar de fala* (2019), esse conceito remete ao local de fala do enunciador considerando suas realidades, suas dinâmicas e seus posicionamentos críticos diante de questões que dizem respeito a si próprio. É uma forma de romper com o silenciamento instituído pela matriz opressora que determinou quem podia falar, via de regra, o sujeito branco.

⁵ Conforme discute Boaventura de Sousa Santos (2009, p. 173), o epistemicídio se efetiva através da "destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos designios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas".

1 Literatura Infantil Negro-brasileira Contemporânea como contradiscurso: autoria, obras literárias e decolonialidade

As mulheres negras que protagonizam a cena literária infantil contemporânea, enquanto autoras, trabalham para restituir a imagem positivada de negros e de suas culturas, como observamos em *As férias fantásticas de Lili* (2018) quando da retomada dos orixás iorubanos, símbolo da resistência religiosa africana e afro-brasileira, do resgate da africanidade inscrita nas identidades, o que se dá através do protagonismo de Lili. Na articulação entre teoria e narrativa literária, a protagonista, através de suas vivências, reestabelece um vínculo entre a manutenção do espírito afrodescendente, que dialoga diretamente com outras obras infantis que tematizam e corporificam a costura da vida das mulheres negras, e a maternidade coletiva característica das *escrevivências* (EVARISTO, 2005) que ocorre por meio do amadrinhamento de Oxum (SOUZA, 2018).

O fazer literário negro como tematizador de vivências e experiências pode ser entendido pelo *devoir* das escrevivências que se desdobram do individual ao coletivo, pois o objetivo é a desestabilização das representações negativadas e, sobretudo, propondo novas formas de se perceber e perceber o outro no mundo enquanto reposicionamento da representação negra através das vivências de mulheres negras, conforme enfatiza Evaristo (2007). Mulheres negras e periféricas, do ponto de vista da interseccionalidade como marcador físico e simbólico seguindo a orientação de Carla Akotirene (2019), são representadas e presentificadas nas narrativas como empoderadas e conscientes de seus lugares racializados e de fala, paralelamente à representação, o que a partir da tradição literária infantil se considera um grande avanço e delineia uma literatura contra-hegemônica.

No que concerne ao contradiscurso, este é a incubação das vozes inaudíveis, rompendo com "isto não é literatura, ou seja, prescrever a invisibilidade, o silêncio como punição ao atrevimento e insurgência" (MIRANDA, 2019, p. 7). É importante

ratificar, segundo a autora, que o contradiscurso literário é resultado da reivindicação de lugares de fala, de escutas e da necessidade de afrocenrar na direção de desarticular os mecanismos que vão pensar e articular o *modus operandi* da colonialidade do poder, do ser e do saber sobre as vidas de negros e negras em situação de vulnerabilidade e interdição, pois é notório que na tradição literária essas representações sempre se mantiveram inalteradas para a manutenção do poder, ou seja, negros e negras e suas dinâmicas sempre foram representados como os constituidores da desordem, da classe perigosa que precisava ser presa e criminalizada, e a literatura servia de espaço de reforço desses estereótipos, o que tomou outras proporções junto ao imaginário coletivo.

Na contramão dessa lógica e refletindo sobre a importância da autoria e do adensamento crítico das narrativas, Florentina da Silva Souza (2019, p. 7-8), no prefácio intitulado *Lutando contra o silenciamento*, no livro de Fernanda Miranda (2019), *Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*, afirma que

[...] a escritora de autoria negro-feminina vem gritando, resistindo, caminhando por estradas que levam à exploração das feições que as estruturas das relações sociais e étnico-raciais assumem no Brasil: os modos como o racismo e o sexismo se articulam para manter privilégios, para silenciar a história das pessoas negras no país. Para as escritoras, é impossível esquecer a escravidão e seus desdobramentos, mas, por outro lado, também se torna impossível não falar da agência, da intensidade da resistência, que conduz ao exercício, também intenso, de reconfigurar-se cotidianamente.

A partir do que discute a autora, compreendemos a literatura infantil como um espaço de luta antirracista na medida em que o texto literário negro possibilita o empoderamento de crianças negras, ao trazer para o centro da narrativa questões importantes para a (re)construção de suas identidades como, o corpo, as características fenotípicas e as culturas negras, bem como as religiões de matrizes africanas. No tocante ao que pode a literatura e como a literatura negra desarticula o apagamento de suas existências e representações, as personagens questionam e

apresentam as memórias traumáticas, ao passo que retomam toda uma herança histórica, bem como o legado de resistência e os modos contemporâneos análogos à escravidão, tal como temos observado nas obras produzidas das últimas duas décadas, em consonância com as pautas raciais e a legislação vigente.

Nesse intento, paralelamente à abordagem trazida em *As férias fantásticas de Lili* (2018), no tocante aos orixás, as dimensões do resgate das memórias se alinham às potencialidades da literatura infantil em (re)construir as histórias, propiciando a formulação de sentidos que invertem o hegemônico instituído, estabelecendo, ainda, ferramentas e mecanismos como a interseccionalidade, na proposição de um exercício crítico que faz da obra literária infantil contemporânea um instrumento de contestação, ou seja, o contradiscurso é essa própria realização contestatória. Destarte, é importante retomar e compreender a importância do fazer literário negro como tematizador de vivências e experiências, o que pode ser entendido pelo *devoir* das representações que se desdobram do individual ao coletivo objetivando a desestabilização das representações negativas e, sobretudo, propondo novas formas de se perceber e perceber o outro no mundo, enquanto reposicionamento da representação negra, do pertencimento étnico-racial e do empoderamento infantil que encontram subsídios em Joice Berth (2019) e em Antonio Candido (1989), especificamente no capítulo *Direitos Humanos e Literatura*, quando discorre que a literatura não é uma experiência inofensiva, ela tem um caráter político, social e formador de opinião.

Sendo o contradiscurso uma ferramenta importante na recondução de dignidades a partir da tomada de consciência objetiva de sujeitos historicamente excluídos, além de ser uma ferramenta cotidiana e pedagógica, o contradiscurso é uma ação e uma prática intelectual e política engajada com a educação para as relações étnico-raciais, no reestabelecimento dos lugares ocupados por cada um no modo de ver e viver o mundo eurocêntrico. A interseccionalidade, nesse contexto, propõe uma metodologia e uma

análise entre as opressões; o texto literário infantil contemporâneo engajado contesta, e a autoria incute o modo de compreender o mundo a partir da realidade negra, ambas as ações propõem uma via prática – a significação da obra literária sob inúmeras dimensões de compreensão da realidade vivida e/ou ficcionalizada.

De outro lado, ao refletirmos sobre a incursão de mulheres negras na literatura infantil nas últimas décadas, percebemos os avanços na tematização, na representação positivada de negros e negras, assim como de protagonismos que se constituem a partir da recolha do vivido, extraindo das situações cotidianas de racismo e intolerâncias formas de problematizar as representações do cânone e, conseqüentemente, contribuir para o empoderamento desse grupo. Assim, o contradiscurso é resultado de uma sucessão de ações políticas e acadêmicas, e não restringe ou se encerra no espaço literário, pois uma crítica social elaborada em torno das questões entre literatura e autorias minoritárias, por exemplo, só foi possível pela movimento de pesquisadores(as) incomodados(as) com a invisibilidade de tal produção literária, o que aconteceu em diálogo com as pautas levantadas pelos movimentos sociais na reivindicação dos lugares de fala (RIBEIRO, 2019), paralelamente à acepção da abordagem crítica interseccional que problematiza e reflete as inúmeras dimensões da representação, na direção do que pensa Akotirene (2019) enquanto a existência de intersecções mais dolorosas que outras.

A partir de um lugar de fala próprio e de sua possibilidade, considerando seus espaços de incubação como os *Cadernos Negros*, a título de exemplificação, seguimos a orientação teórica de Gayatri Spivak (2010), na acepção de nosso delineamento discursivo, de que mulheres negras fazem da literatura infantil um campo fértil para se articular ações em torno da negritude, das questões de gênero, de classe social e de outras demandas, objetivando a superação das barreiras sociais e a garantia de sobrevivência das minorias e de suas culturas, alinhadas às representações positivadas, pois a produção literária

para crianças, nestas últimas duas décadas, tem sido potencializada, haja visto que a Lei n. 10.639 (BRASIL, 2003) não só é considerada um marco na história e cultura africana e afro-brasileira, ao inserir, no âmbito da escola, o trabalho com esses temas, como mobiliza o mercado editorial para a ampliação de suas temáticas e para o lançamento de novos(as) escritores(as) oriundos(as) da comunidade negra e das margens.

Enegrecer os espaços, segundo Sueli Carneiro (2011), é mobilizar políticas de agenciamento, possibilitar a incursão de obras literárias protagonizadas por crianças negras, de forma positivada, paralelamente ao trabalho com a educação para as relações étnico-raciais, tanto na escola como fora dela, burlando um sistema de opressão que intersecta seus *modus operandi*, ou seja, que se utiliza de diversos mecanismos para oprimir as minorias étnicas e sexuais. Assim, muitas são as estratégias de enfrentamento e, no Brasil, uma delas é a Lei n. 10.639 (BRASIL, 2003) embora se tenha esperado mais impactos, no que compete à ampliação dos repertórios, dos títulos, dos projetos condensados ao que se propôs e na proposição de uma política de representação mais efetiva junto às crianças e aos demais públicos.

Nas diversas frentes, é importante demarcar que existe todo um esforço coletivo por uma literatura negro-brasileira⁶ engajada e, partindo de projetos literários em desenvolvimento, uma atuação na direção de uma educação literária antirracista, cujas narrativas possibilitarão às crianças o pertencimento, a identificação e a positivação de seus corpos e de suas histórias, entrecruzando-se com as histórias de seus antepassados e com as resistências que fizeram frente para que hoje estivéssemos aqui, pesquisando, catalogando, elaborando projetos e intervindo nas realidades racistas e intolerantes que se espalham de norte a sul do Brasil e das diásporas africanas.

Portanto, muitas ações precisam ser viabilizadas para que de fato haja a efetivação da Lei n.

10.639/03, mas o primeiro passo já foi dado, resta-nos, conforme Conceição Evaristo menciona em seu poema *Tempos de nos aquilombar* (EM TEXTOS, 2019), aquilombar para superar os amálgamas sociais, nesse recorte, através do trabalho com a literatura negro-brasileira contemporânea, na aceção de ser um contingente narrativo epistemologicamente produtivo e mobilizador de crianças em processo de formação identitária.

2 Por Enredos, Temáticas e Protagonismos Decoloniais

Uma educação para as relações étnico-raciais ou antirracista não é uma necessidade só do Brasil, de África ou das diásporas, mas de todo o mundo que, de diferentes modos e perspectivas, visualizaram e classificaram as minorias como subalternas e suas dinâmicas como aquelas que não se queria ali, como estrangeiros de seus próprios corpos, o que impossibilitou e ainda impossibilita suas sobrevivências e ascensões, conforme menciona a escritora e feminista nigeriana Chimamanda Adichie em *O perigo de uma história única* (2019).

Essas questões se adensam para que possamos refletir que, muito mais do que o olhar estigmatizador, existem os meios administrados pela Colonialidade que demarcam quem pode viver e quem deve morrer (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2019), principalmente se considerada as relações entre brancos e negros, entre héteros e pessoas não heterossexuais, entre outras minorias, conforme enfatiza Achille Mbembe (2018) sobre as vias de apropriação da *Necropolítica*. Nessa direção, em diferentes partes do globo e, especificamente, nessas zonas subalternas definidas como terceiro-mundistas pela Europa e Estados Unidos, grupos sociais e milhões de ativistas movimentam os cenários, irrompendo com as políticas da *casa-grande*, abrindo as senzalas modernas para denunciar os diversos genocídios dos povos em

⁶ Recorremos às discussões de Cuti (2010, p. 11), em *Literatura Negro-brasileira*, ao mencionar que "O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, com a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigmas crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção".

nome do "desenvolvimento das nações", o que oportuniza, sob novas e importantes dimensões, voz e vez na administração de políticas de sobrevivência, adquiridas a passos lentos e a duras penas.

Diante desse cenário, observamos movimentos encabeçados por pesquisadores(as) decoloniais incomodados(as) com o perigo da história única, cunhando um processo de revisitação histórica, bem como a reescrita dessa área através do resgate de obras literárias que foram silenciadas e esquecidas, como as de Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Anajá Caetano, entre tantas outras mulheres que foram apagadas por serem negras, a partir do que entendemos ser a realização de intersecções de opressões, possibilitando, contemporaneamente, o surgimento de um contingente de pesquisadores(as) decoloniais, nas mais diversas áreas e espaços, que trabalhando incansavelmente para se refundar as noções, as compreensões e os acervos que foram definidos como os únicos existentes, fortalecendo, dessa forma, a visibilidade dos saberes excêntricos oriundos das avenidas identitárias, das intersecções, das fronteiras e das zonas marginais, tanto no plano da história quanto no da literatura.

No campo da literatura e, especificamente, da produção contemporânea, além do movimento de resgate de obras deixadas às margens, nas últimas cinco décadas houve uma produção considerável e engajada a partir da razão subalterna, resultado dos movimentos sociais e, especificamente nesse delineamento, do movimento negro e do feminismo negro que, de diversas frentes, buscaram positivar a Cultura e História Africana e Afro-brasileira, paralelamente às demais etnicidades que integram o país. Nesse bojo, a partir do afrocentrismo e das perspectivas epistêmicas capazes de analisar suas produções intelectuais e artísticas, negros e negras de diferentes regiões do país projetam uma literatura e um protagonismo engajado com as discussões étnico-raciais ao passo que tematizam a história, a cultura e as religiões, cujos enredos são vivenciados por protagonistas negras(os), o que possibilita aos

leitores a ampliação do imaginário e o fortalecimento da identidade negra, bem como do autopertencimento, elevando a autoestima de quem foi, desde sempre, excluído.

Na esteira do que Segato (2021) pensa como perspectiva teórico-política e da importância de se frequentar os debates acirrados do mundo para responder às questões de seu tempo, alinhada à literatura enquanto tematização, Gonzalez (2020), desde as décadas de 1970 e 1980 como leitora de um Brasil negro, já interpretava as questões atinentes ao silenciamento e à necessidade de se repensar os Brasis. Contudo, a condição de agente questionador(a), tomada de Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2019), ampliou-se à medida que mais pesquisadores(as) oriundos(as) das zonas subalternas se engajavam no movimento político-acadêmico decolonial, hoje encabeçado pelos movimentos sociais e resultado das militâncias em diversos setores e áreas de conhecimentos.

Entre as demandas sociais oriundas das margens e as políticas do cotidiano, poéticas que desafiam a lógica dominante são produzidas por quem habita, apesar de todos os avanços, as invisibilidades e os desvios sociais e políticos. A partir desse universo, as mulheres fazem da intelectualidade, um caminho e uma potencial arma contra as opressões que se intersectam na raça, na classe e no gênero (AKOTIRENE, 2019), o que abarca, em nosso delineamento, uma narrativa plural ao contemplar discussões que direcionam a uma experiência literária pautada nas relações étnico-raciais, ao mesmo tempo que alimenta o imaginário infantil com o objetivo de produzir sentidos, possibilitar às crianças o processo de empoderamento e o exercício da tolerância religiosa no trabalho com a tematização das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras.

Através da instância autoral, por serem todas mulheres negras e conscientes do que pode a literatura, buscam (re)contar a história a partir do ponto de vista do(a) negro(a) e de suas cosmovisões, alterando as versões centradas no ponto de vista dos vencedores, o que altera, consideravelmente, as compreensões de que afri-

canos quando traficados não detinham memória, tampouco apego à África, como se não tivessem tido resistência durante o tráfico negreiro, uma espécie de esvaziamento. Enquanto temática, a narrativa desta pesquisa, *As férias fantásticas de Lili* (2018), contribui para a desconstrução de estereótipos e estigmas associados e direcionados às pessoas negras e suas dinâmicas em diferentes contextos, ou seja, discorrendo sobre as formas práticas do racismo a partir de um debate cultural, social, antropológico, religioso, estrutural e estruturante.

As religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, enquanto tematização, fazem parte de uma discussão tímida e recente, considerando o acervo literário infantil disponível e, de forma mais engendradora, positivado, em virtude das práticas de intolerância religiosa a partir de uma rotulação por parte do catolicismo e do protestantismo que, de diversas formas, buscam se sobrepor com o aval do Estado. Assim, é importante mencionar que a intolerância às religiões não é um episódio recente, tampouco está próximo de se superar, pois se percebe cada vez mais uma série de retaliações e condenações racista que África e suas diásporas sofrem pela matriz opressora em virtude do enaltecimento do cristianismo em um país que, constitucionalmente, é laico, conforme nos afirma a Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Sidnei Nogueira (2020, p. 26-27) discorre que esses episódios se dão pela

[...] imposição por meio da criação de um inimigo comum sempre associado às tradições de origem africana no Brasil. [...] a cristalização da sociedade é mais do que um movimento de fé. Trata-se efetivamente de um projeto de poder.

Para esse autor, a dimensão da intolerância religiosa no Brasil se dá ao passo que a sociedade "cristocêntrica" institui, como norma vigente, o catolicismo com o aval do Estado, embora constitucionalmente o país seja laico. Nesse cotejamento, é importante retomar Berth (2019, p. 98) ao enfatizar acerca da necessidade de se ampliar os espaços e das atuações fundamentais dentro desses locais, via de regra, para a superação das barreiras colocadas pelo racismo, via intolerância

religiosa, pois para ela tanto as mulheres quanto "os terreiros cumpriram no Brasil estratégias para a manutenção das religiões afro-brasileiras".

Na contramão da intolerância religiosa, a literatura infantil, enquanto campo de saber e insubmissão às normas e opressões vigentes, tem tematizado as religiões africanas e afro-brasileiras de forma positivada, demonstrando suas especificidades e ampliando as possibilidades de significação por parte do leitor em formação, como é o caso de Lili que se vê protegida pelos orixás: Exu, Oxum, Xangô e Yemanjá/Iemanjá. Nesse bojo, em diálogo com as discussões de Abdias do Nascimento (2016) sobre o genocídio do negro, que se realiza pela anulação de toda sua produção de saber, da cultura às epistemologias, Carneiro (2005) discute acerca dessas anulações e como elas se realizam através das tecnologias opressoras. Cabe destacar, ainda, que é através delas que negros e negras são inferiorizados e subordinados à razão das matrizes de opressão em virtude dos ideais preconizados e das binomias em disputas, embora já se saiba quem fica em desvantagem – o negro, tanto do ponto de vista físico, entendido como o corpo, quanto à subjetividade e à produção de conhecimento dessas margens, sendo todos esses universos confrontados e questionados pela Colonialidade.

O contradiscurso produzido pelas mulheres negras cujas poéticas invadem os espaços formais e informais de educação de forma singular atua em direção contrária ao epistemicídio, ao mesmo tempo que produz e coloca em evidência esse outro excluído e silenciado através do exercício de alteridade que o texto literário possibilita aos seus leitores, tanto pelo protagonismo negro quanto pela tematização. Para Miranda (2019, p. 113), esse deslocamento propõe um "diálogo crítico não apenas com o seu contexto de produção, mas com a literatura brasileira enquanto sistema e com o nosso próprio momento contemporâneo".

A partir da aceitação de ser a literatura um espaço de possibilidades e, segundo Toni Morrison, em *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura* (2019), é um exercício de alteridade que a narrativa literária propõe, alinhada ao movi-

mento de desromantizar a escravidão, o que tem se tornado cada vez mais difícil num mundo que prefere espelhos [mito de Narciso] e subserviência, a literatura negro-brasileira enquanto temática, enredo e protagonismos, endossa a ação de trazer à tona suas dinâmicas e pluralidades, tornando-se uma potencial ferramenta no que diz respeito ao que pode ser contemplado pelo literário e como comunicá-lo, além das estratégias para se produzir literatura sem destinar ao ostracismo sua literariedade.

Pensar nas relações de poder, portanto, é refutar os controles de representação que temos na sociedade e que são gerenciados pela Colonialidade na definição de quem é quem. É necessário romper com as lógicas opressoras que se utilizam dos marcadores étnicos, raciais, de classe e de gênero para normatizar as opressões sob a justificativa de que as hierarquias devem ser respeitadas para a ordem e manutenção dos detentores do poder. A interseccionalidade, nesse embate, pode ajudar a "enxergarmos as opressões, combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas" (AKOTIRENE, 2019, p. 97). Diante dessa discussão, a literatura enquanto manifestação artística e empreendida no comunicável, é uma potência para desmitificar as versões oficiais, refutando as que representam o negro sempre em posição inaudível, estigmatizado e estereotipado.

Em *O narrador sensível*, Olga Tokarczuk (2020) discorre sobre a literatura mobilizar esse agente questionador e ser um espaço de luta contra os amálgamas da sociedade. Para a autora, "Somente a literatura é capaz de nos aproximar com mais profundidade da vida do outro, entender suas razões, compartilhar suas emoções e vivenciar seu destino" (TOKARCZUK, 2020, p. 4), acrescentando que:

A vida é feita de eventos, mas somente quando somos capazes de interpretá-los, tentar entendê-los e dar um sentido, que eles serão transformados em experiências. Acontecimentos são fatos, mas a experiência é algo indiscutivelmente diferente. É a experiência, e não qualquer evento que compõe a matéria das nossas vidas. A experiência é um fato que foi interpretado e situado na memória. Também se refere a um certo fundamento que temos

em nossas mentes, a uma estrutura profunda de significados sobre a qual podemos recriar nossas próprias vidas com um olhar atento e cuidadoso (TOKARCZUK, 2020, p. 2).

É importante reconhecer o exercício de empatia proposto pela literatura, segundo o que apreendemos da leitura da autora, bem como o experimentar alinhado com a especificidade de se relacionar com essas inquietações de forma a mobilizar as interpretações, o que contribui para a significação da narrativa, num movimento que entendemos ser necessário para a humanização através da fruição literária, ou seja, no estabelecimento de relações sociais, políticas e identitárias, mobilizando e redefinindo visões e cosmovisões das quais autores e leitores passam a compartilhar entre si, via triade leitor-obra-autor.

Portanto, no âmbito da literatura infantil, especificamente na produção contemporânea, é de extrema importância considerar os enredos, suas temáticas, protagonismos e autoria na composição de uma discussão que ultrapassa as fronteiras do literário e da literariedade, encontrando no leitor formas específicas de ser significada e, no contexto da discussão proposta, de discutir a tematização e presença das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras no texto literário infantil, sob novas perspectivas críticas que colaboram para a tolerância e para o respeito.

3 As férias fantásticas de Lili (2018), de Livia Natália

Na compreensão da literatura infantil negro-brasileira de autoria feminina como um acervo substancialmente produtivo e, epistemologicamente, pensado para desarmar o racismo, o sexismo e a intolerância religiosa, Livia Natália como uma mulher negra, professora de teoria literária e poeta, apresenta às crianças Lili, uma menina negra que viaja pelos universos africanos em busca de referenciais para contar, como proposta de redação, o que fez de suas férias, atividade essa que motiva toda a narrativa. No bojo dessas mobilizações e partindo de uma atmosfera mística e épica, a escritora apresenta a protagonista e seu universo particular, recorren-

do à imaginação e à mitologia iorubana que vão guiar os passos de Lili na confecção e vivência de sua atividade, mas tudo começa na mesa de casa, durante o café da manhã:

Naquela manhã, na mesa, fumaçava o café quentinho / Tinha aipim, pão fresco, e ovo bem fritinho. / Lili, silenciosa e sentada perto da geladeira / Nem ligou para o que haveria em sua lancheira. / [...]. Ela e a irmã desceram para o ponto de ônibus da Lagoa / Onde ela sempre corria e brincava, sorrindo a qualquer pessoa. / [...]. Naquele dia, no entanto, estava quieta, não corria / E todos sentiam falta de sua fácil alegria (SOUZA, 2018, p. 4-6).

O dia amanhece e a rotina das férias termina, é hora de voltar à escola. Lili e a irmã percorrem o mesmo caminho, mas Lili estava estranha, triste, pensativa, já pensando no que aconteceria na escola. A trama se desenvolve e logo percebemos o clima se intensificar: "Ela chorando, entra no ônibus cabisbaixa e calada" (SOUZA, 2018, p. 7). Exu, que espiava por detrás de uma árvore, logo notou o choro da menina e se apressou para contar para a sua mãe ancestral, Oxum, que também passou a observá-la. Nessa cena, é importante enfatizar que a narrativa em análise possibilita, de antemão, o enfrentamento à intolerância religiosa, no tocante a relação entre a protagonista e os orixás que, protegendo a menina e cuidando de seus afazeres, trazem à tona a diversidade religiosa iorubá de uma forma singular e positivada.

O viés educativo da obra se dá, de um lado por se situar no espaço escolar; do outro, por trazer o enredo revestido de entidades que habitam e

povoam o imaginário coletivo, o que movimenta a protagonista a uma viagem em busca das informações que faltavam para que ela conseguisse produzir sua redação. Assim, sobre a literatura infantil mobilizar o leitor em torno de uma significação positivada, Araújo (2017, p. 59) discorre que isso se dá a partir de sua "condição pessoal que a criança pode, por si própria, auxiliada por uma mediação adequada, desenvolver mecanismos de interpretação de ideologias que a relegaram a espaços menores da sociedade".

Destarte, tomando a autoria como pontapé inicial, o desafio da intelectual negra, seja no âmbito da teoria, seja no da criação literária, é rejeitar "quaisquer expectativas literárias elitistas, jargões acadêmicos, escritas complexas na terceira pessoa e abstrações científicas paradoxais sob a sombra iluminista eurocêntrica, míope à gramática ancestral da África e à diáspora" (AKO-TIRENE, 2019, p. 19). Nessa dimensão, Livia Natália corporifica essa desobediência em sua escrita ao abordar a matriz religiosa iorubana, atrelada ao cotidiano escolar de uma menina negra que não viajou à Disney, nas férias, como as demais crianças brancas, costumeiramente, fazem.

A narrativa se inicia com a protagonista Lili sendo apresentada a partir de seu cabelo, cuja característica é enaltecida como forma de pertencimento identitário: "Prontinha e com fita vermelha no cabelo estava. Os seus fios cacheados brilhavam quando o vento os balançava" (SOUZA, 2018, p. 4).

Figura 1 – Lili



Fonte: Souza (2018, p. 3).

Durante a viagem, a protagonista se vê admirada diante de outras mulheres negras, o que possibilita uma leitura estética dessas mulheres ao mesmo tempo que ratificou seu autopertencimento: "Lá dentro havia mulheres negras com a pele muito brilhosa / Com cabelos compridos de tranças que dançavam perfumosas/ Em outras mulheres faziam tranças que a menina nunca viu/ E ela logo soube que era da Nigéria que vinha, não do Brasil" (SOUZA, 2018, p. 21).

O empoderamento, via estética do cabelo, tão abordado nas narrativas infantis negro-brasileiras, atua no sentido de elevar e potencializar a autoestima de meninas e mulheres negras, se tornando "uma importante estratégia de sobrevivência e resistência de mulheres negras" (BERTH, 2019, p. 108). A partir dessa força, a construção das influências ideológicas no campo do conhecimento e, especificamente nesse recorte, no terreno da literatura, operam de forma a produzir e idealizar um único ideal estético – o branco, ainda que todas as formas que não se alinham a essa hegemonia sejam marginalizadas e passem a ser referências negativadas em todos os espaços, o que pode ser percebido quando discutimos a

intersecção entre raça, gênero e classe social. Para burlar essa lógica, é importante identificar narrativas infantis que se apresentem positivando características físicas, enaltecendo a genealogia negra e reforçando a pluralidade religiosa, pois só se utilizando desse repositório que se procederá a possibilidade de ruptura com a ideologia opressora e com a máquina colonial, que se utiliza de diversos meios para deturpar e apagar essas representações minoritárias (EVARISTO, 2007).

A partir do que discute a autora, é importante mencionar que o poder dominante que define as estruturas de poder coloca em questão o que é inferior e superior, quem deve viver, quem pode morrer, bem como a utilização dos produtos culturais e simbólicos e até de seus próprios corpos, conforme se percebe nos episódios de apropriação cultural. Contudo, Lili irrompe com essa delimitação ao passo que constrói sua narrativa em torno do corpo, da história e da religião cujo processo de apresentação inicia com a ilustração de seus cabelos separados por fitinhas vermelhas.

A relação entre a maternagem coletiva⁷ ances-

⁷ Seguimos a orientação teórica de Charlene Borges, em artigo intitulado *Maternidade Negra, ética do cuidado coletivo e políticas públicas* (2021).

tral e o aquilombamento pode ser observado a partir do *devir* poético de Evaristo (2007, p. 16), especificamente no ensaio intitulado *Da Grafia-Desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*, num exercício de autoria, inspiração poética e comprometimento social:

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas.

Ao discorrer sobre as primeiras memórias de seu fazer poético, Conceição Evaristo deixa aberta e em suspensão a origem daqueles ensinamentos, se teria sido de sua mãe ancestral, o que retoma as trajetórias de seus antepassados conjugadas com a possibilidade das ancestralidades. Essa presença materna e a proteção dos orixás podem ser observadas no fragmento de *As férias fantásticas de Lili*:

Ela chorando entra no ônibus cabisbaixa e calada.

Exu corre à mãe dela para contar que a menina devia estar enrascada.

A Deusa muito bela lavava suas pulseiras

Quando a voz de Exu a chamou pra vir à beira (SOUZA, 2018, p. 7).

Com uma atmosfera ainda inédita no campo da literatura infantil negro-brasileira, Lívia Natália apresenta aos seus leitores o mais íntimo das relações entre os mundos físicos e subjetivos, pois os orixás, no imaginário social, habilitam e povoam o desconhecido, principalmente pelas crianças na faixa etária para a qual a literatura infantil se destina. Partindo dessa compreensão, é um desafio e um ineditismo construir uma narrativa em torno da proteção dos orixás para com uma menina negra que se encontra em uma situação complicada: como poderia Lili escrever uma redação de férias se não viajou? Esta é a questão mobilizadora da narrativa – a viagem que precisava fazer para ter o que materializar em sua redação sobre as férias.

Por ser vigiada e protegida pelos orixás, tudo que acontecia com Lili era minuciosamente acompanhado. Exu foi até a morada da mãe de Lili, Oxum, para falar da tristeza da filha:

"Olhe lá a sua filha dentro do ônibus chorando!"

Nisso Oxum já estava para a janela do ônibus olhando.

No que viu a criança se desmanchando de chorar

Correu à casa de Xangô, já chorando sem parar.

"O que é isso minha rainha, o que me viestes falar

Com tantas lágrimas você acaba por meu palácio inundar!"

"Minha filha está chorando! Olorun, antes fosse eu!

Mande alguém lá, Xangô, pra ver o que aconteceu!" (SOUZA, 2018, p. 9).

A recorrência aos orixás, como estratégia utilizada pela escritora, alinhada ao exercício da maternagem que eles exercem sobre a protagonista, é uma encruzilhada epistemológica de diálogos entre os elementos africanos e negro-brasileiros que compõem a cultura negra na diáspora. A partir dessa acepção, pensar o artístico é elevar a experiência estética de crianças negras e não negras a um universo próximo de suas realidades, muitas vezes, (re)conhecido por esses leitores em suas vivências. Destarte, cabe destacar que o mercado editorial também tem se mobilizado para potencializar o trabalho com essas temáticas. A Editora Malê lançou, em 2021, a obra *Contos de axé: 18 histórias inspiradas nos arquétipos dos orixás* (MOUTINHO, 2021), coletânea que reúne escritores(as) de diversas regiões do Brasil com o objetivo de dar visibilidade a temáticas que não sejam conhecidas pelos leitores, independentemente da faixa etária, projeto literário esse que dialoga com a guinada autoral de Lívia Natália.

Acerca da especificidade autoral, retomamos Evaristo (2007, p. 19) ao discorrer, poeticamente, sobre a fonte de inspiração de sua escrita, pois acreditamos que esses eventos se compartilham:

[...] creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da

noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.

A escritora discorre que seu fazer é resultado do exercício da escuta, da percepção e do acúmulo de suas memórias; o corpo, para ela, era uma esponja a absorver todas as histórias. Nesse intento, construir um acervo literário contemporâneo que tematize e aborde, de maneira positivada, as diversas africanidades inscritas na identidade negro-brasileira é subverter e uma desobediência ao cânone, ao passo que também se constrói categorias e operadores teóricos, no âmbito da crítica literária, capazes que são de analisar essas narrativas à luz das cosmogonias africanas e negro-brasileiras. Solange Nascimento e Pedro Abib (2016, p. 90), em *Cosmogonia Africana: a resistência das religiões africanas na contemporaneidade*, acrescentam que:

A luta pela preservação das tradições africanas no Brasil não difere muito daquela empreendida no Reino de Oyó. Em solo brasileiro, por exemplo, as práticas de silenciamento dos negros escravizados passaram pela proibição do uso da língua, separação de pessoas vindas das mesmas famílias, tribos ou nações, negação e demonização das manifestações religiosas. Essas proibições, no entanto, foram confrontadas e/ou contornadas, o que possibilitou sua permanência até os dias atuais.

A resistência e o empoderamento que se constituiu a partir da leitura do protagonismo de Lili é a possibilidade de um exercício de liberdade, pois, embora a literatura não se atrele diretamente a um objetivo definido, é um poderoso espaço de subjetivação e dotado de intensa capacidade produtiva, conforme nos orientam Nascimento e Souza (2020), visto que reconhecer-se negra no Brasil é um ato de desobediência cuja dinâmica reside na representatividade, presentatividade e representação, a fim de eliminar os obstáculos históricos, socioculturais e institucionais que interdita negros e negras diariamente.

No tocante às especificidades do literário, o

insólito ficcional é presente quando os orixás guiam a menina pelas viagens que "não se sabe se ela viveu ou sonhou".

Meus colegas todos fazem viagens fantásticas / Veem a neve, vão a Disney e não acreditam / nas minhas histórias mágicas! / Lili, filha de Oxum, nasceu nas águas da deusa da beleza / Conhecia todos os Orixás, porque era uma semideusa (SOUSA, 2018, p. 13).

A recorrência aos orixás é uma das marcas da narrativa, conforme já mencionado, pois os seres que povoam e coabitam a narrativa com Lili protegem, cuidam e criam situações para que ela possa experimentar a linda jornada a outra terra, onde ganhou até cabelão: "Sentada na cadeira alta, no colorido salão/ A menina decidiu que queria sair de cabelão/ Caminhando pelas ruas já de cabelo comprido/ Lili até pulou corda, segurando a ponta do vestido" (SOUSA, 2018, p. 21). Tais encaminhamentos integram as noções contemporâneas de análise que se centram no inconsciente animista, aqui alinhada à cosmovisão africana proposta por Wole Soyinka (1976).

Nesse cotejamento, partimos da acepção de Débora Vargas e Regina Silveira (2014, p. 209), em *O insólito na literatura e a cosmovisão africana*:

Esses conceitos, tanto do fantástico quanto do real maravilhoso, na medida em que são técnicas ou estratégias narrativas para a construção de um outro "mundo", parecem não ser adequados para uma análise dos textos africanos, cuja estratégia narrativa, o realismo animista, está diretamente relacionada com o modo de pensar e viver a realidade, num contexto que Harry Garuba (2012) denomina "inconsciente animista".

A partir dessa compreensão, entendemos a necessidade do insólito para refletir a poética de Livia Natália, principalmente no que diz respeito à presença dos orixás e como estes movimentam a narrativa, pois segue a lógica de representar uma ideia por meio de elementos materiais, de espíritos ou entidades ancestrais, dando a dimensão espiritual aos objetos materiais que o animismo impõe, segundo Garuba (2012).

Lili é, segundo as perspectivas decoloniais e do que discorre Beth Brait (2017, p. 68), uma agente questionadora ou agente de ação: "cada momen-

to da ação representa uma situação de conflito em que as personagens perseguem-se, aliam-se ou defrontam-se". Dada essa relação entre texto literário e perspectiva teórica, a protagonista pode ser compreendida como a soma das experiências vividas e projetadas por sua autora, ou seja, a personagem seria "um amálgama das observações e das virtualidades de seu criador" (BRAIT, 2017, p. 69). Destarte, a construção do protagonismo na literatura infantil negro-brasileira considera, em primeira instância, seus possíveis leitores, crianças negras e não negras, na direção contrária da tradição que, quando representava o negro, este sempre esteve em posição desprivilegiada, o que não acontece na literatura negro-brasileira com personagens não negros. Tal mudança de perspectiva é um exercício decolonial de uma autoria empreendida na equidade, embora questões atinentes à tematização negra estejam no centro da periferia, pensando na direção do que defende Boaventura de Sousa Santos (2009).

No tocante aos posicionamentos da autoria, para Nascimento e Souza (2020, p. 250), esses posicionamentos e preferências são resultados do "agenciamento coletivo da escrita, em que se torna importantíssima a transformação de valor cultural via literatura". Nesse bojo, a escrita literária movida pelas questões do empoderamento, do respeito às religiões de matrizes africanas, da identitária e das representações positivadas, tem a possibilidade de (re)construir, junto aos leitores, uma consciência étnica, racial e de gênero, a partir de referenciais afrocentrados, o que se torna produtivo quando se considera as questões implicadas na recepção do texto literário por crianças negras que não se viam representadas nos clássicos literários infantis.

Seguindo no desvelamento da narrativa, entre os espaços que visitou, Lili foi a Nova York, onde se depara com o bairro afro-americano do Harlem, conhecido mundialmente por ser um grande centro comercial e cultural de afro-americanos.

A menina atravessou num passo ligeiro o ar / E foi num piscar de olhos em Nova York morar. / Como no tempo do sonho o dia não tem tamanho / Lili ficou lá muitos dias, e nada lhe era estranho. [...] / A menina permanecia sentada

no ônibus a dormir / E ninguém imaginava que ela não estava ali. / No tempo em que esteve fora Lili fez de tudo / Foi a museus, tomou sorvete e conheceu outro mundo (SOUZA, 2018, p. 17-18).

No tensionamento de a literatura propiciar um retorno a si mesmo, a partir da leitura literária e no que compete às instâncias da literatura infantil, Lili planta no imaginário infantil a possibilidade de o leitor viajar para onde quiser, via imaginação. Dessa forma, imaginário e realidade se contrastam para a criação de espaços importantes na narrativa, que têm relação com o real. Dessa forma, a dimensão subjetiva da leitura literária é (re)construída pelos leitores quando mergulham na descrição dos espaços e quando se imaginam estarem lá, ao ponto de assumirem o protagonismo. Tal fato se dá porque a significação do texto literário assume um ineditismo em cada leitor, a partir de suas experiências e expectativas individuais.

A subjetividade da interpretação, nesse adensamento, parte de questões atinentes à tematização da religião de matriz africana, no tocante à presença dos orixás, e do protagonismo de Lili ao se confrontar com a realidade de crianças brancas que passam as férias na Disney. Contudo,

[...] toda travessia um dia se acaba / Mesmo o sonho mais bonito, e chega ao fim a jornada / Dormira na sua cama numa noite de muito frio / E despertou sentada no ônibus, já quase todo vazio. / [...] Seus olhos se abriram e mais nada aconteceu / E logo entendeu que a viagem bonita naquele momento acabou. / Com sua irmã mais velha que lhe levava à escola / Lili desceu do transporte, carregando sua sacola (SOUZA, 2018, p. 21).

A construção da personagem, seguindo as discussões de Brait (2017), é resultado de elementos utilizados pela escritora para dar consistência à sua criação e estimular as reações do leitor, o que se dá pela costura com a cosmovisão africana. Os leitores ao se depararem com Lili e, mais especificamente, as leitoras negras, terão a possibilidade de se mobilizar em torno das histórias que ela vivencia em sua jornada, bem como de relacionar o texto com suas experiências individuais ou coletivas, como nos espaços e os

cultos africanos e afro-brasileiros. Destarte, a menina, contente pelas vivências, se vê cheia de estórias para contar aos colegas e à professora.

Sem saber se o que se passou era sonho ou realidade / [...] contou no texto tudo como se fosse verdade / Quando leu sua redação deixou a professora admirada / pois as férias de Lili tinham sido muito animadas / [...]. A menina muito sorria de tão feliz que estava / Não podia dizer a ninguém que era uma menina encantada / Sem precisar disputar qual era a melhor história / Ela logo entendeu que cada um tinha uma trajetória (SOUZA, 2018, p. 22).

Em *As férias fantásticas de Lili* (2018), a pequena menina viaja em busca de seu empoderamento via identidade negra, tornando-se protagonista de sua própria história e sendo capaz de comunicar aos colegas e à professora tudo o que viu, recurso estratégico do ponto de vista do enredo e da trama. Nesse adensamento crítico, compreendemos que a protagonista comunica aos seus leitores que não existem férias melhores que as outras, mas experiências diferentes, o que demarca a pluralidade e o respeito às histórias de vida de cada criança, além de enfatizar sobre a importância dos orixás na condução do enredo.

Portanto, Lili, com seus percursos individuais de representação, presentifica a negritude em suas acepções mais diversas, seja pelo fortalecimento da identidade negra, através dos estereótipos, seja pelo fortalecimento positivado da cultura e das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, universos esses circunscritos no *ser e estar negro*. Cabe destacar, ainda, que esses direcionamentos possibilitam um deslocamento dos leitores a partir da possibilidade de significação do texto infantil, relacionando-a com suas histórias de vida e, ainda, assumindo o protagonismo, o que amplia as nuances e o que pode a literatura contemporânea.

Considerações finais

Quando crianças se veem deparadas com narrativas que apresentam, positivamente, questões atinentes aos seus universos identitários, têm a possibilidade de exercitar o respeito à diversidade e a tolerância, assim como de se (re)construírem

positivamente quando da autoidentificação com o protagonismo, que, nessa análise, deu-se com a menina Lili, pois a literatura infantil negro-brasileira contemporânea materializa sua força subjetiva a partir das epistemologias decoloniais, tornando-se porta-voz de uma prática cotidiana antirracista na medida em que seus leitores mergulham nas narrativas, via letramento racial, e constroem um plano superior de significação.

A literatura infantil negro-brasileira, enquanto uma literatura combativa e contra-hegemônica, considera tanto os debates entre as relações que formam o texto literário quanto o empreendimento das temáticas e da estética dessa autoria, paralelamente às intersecções que gerenciam as opressões, o que potencializou nossas perspectivas investigativas ao passo que se investigou a presença dos orixás como elementos para se discutir a presença das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras para a infância.

Romper com os processos de apagamento das existências subalternas, portanto, faz parte do projeto de insubmissão do qual integra essa produção literária, sendo um espaço propício para se trabalhar na direção de uma educação para as relações étnico-raciais, tanto do ponto de vista da abordagem quanto da representação e presentificação. Assim, demonstrar a desobediência à matriz dominadora e hegemônica, via leitura literária, é subverter a lógica de dominação, ao mesmo tempo que possibilita a alteração das compreensões do mundo e de si mesmos a crianças que não se veem representadas na literatura infantil canônica, cujas personagens positivadas são, via de regra, brancas, ricas e viajam nas férias para a Disney, conforme se observa na obra analisada.

A análise proposta contrastada com as categorias e aportes teóricos explicitou a forma como a protagonista é representada e conduzida pelos orixás no processo de vivência de suas férias, alinhada aos recursos mais presentes na obra, como a presença da memória, a positivação dos estigmas e estereótipos, assim como das características físicas e simbólicas do corpo negro paralelamente à tematização da religião.

É importante, ainda, pontuar a importância do *devoir résistância*, conforme propõe Rita Santiago (2020), que encontrou fôlego nessas narrativas por serem diversas e por apresentarem questões que dialogam com o imaginário infantil negro, ou seja, contribuindo com informações para a resolução de questões latentes vivenciadas por esses leitores, como a crise de identidade, por exemplo, ou a própria necessidade de entender a formação da sociedade e as intolerâncias perpetuadas.

Em *As férias fantásticas de Lili* (2018), encontramos a importância de tematizar as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras e de inserir seus elementos no plano discursivo da literatura infantil, pois a presença dos orixás potencializa o respeito à diversidade religiosa, ao mesmo tempo que positiva, o que contribui para o respeito, questões essas ancoradas nas teorias decoloniais. Por fim, o cotejamento entre obra literária, autoria, sentidos, tramas, enredos e protagonismo não cessam as possibilidades que as narrativas infantis negro-brasileiras têm de serem significadas de diferentes formas pelos leitores; mas cabe destacar que, apesar dessas possibilidades, existem características que as atravessam, como o respeito à diversidade, a positividade da história, da cultura e das manifestações africanas e negro-brasileiras. Lili corporifica uma discussão que ultrapassa as fronteiras do literário e atua no preenchimento de uma lacuna no âmbito da literatura para a qual se inscreve: de um lado por ser epistemologicamente produtiva; do outro, por ser uma estória ambientada no que há de mais bonito – a fé.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARAUJO, Débora Oyayomi. *Personagens negras na literatura infantil: o que dizem crianças e professoras*. Curitiba: CRV, 2017.
- ASANTE, Molefi Kete. A ideia afrocêntrica em educação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 31, p. 136-148, maio/out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28261>. Acessado em: 14 jun. 2022.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOQUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BORGES, Charlene. Maternidade negra, ética de cuidado coletivo e políticas públicas. *Geledés*, 26 mar. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/charlene-borges-maternidade-negra-etica-de-cuidado-coletivo-e-politicas-publicas/>. Acesso em: 14 out. 2023.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Contexto, 2017.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 nov. 2023.
- BRASIL. *Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 14 jan. 2022.
- BRASIL. *Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639. Acesso em: 1 fev. 2022.
- CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (org.). *Direitos humanos e...* São Paulo: Comissão de Justiça e Paz; Brasiliense, 1989. p. 107-126.
- CANDIDO, Antonio. Do Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Geledés*, 6 mar. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- COMPAGNON, Antoine. O autor. In: COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 47-96.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993a.

ECO, Umberto. *Interpretação e Sobreinterpretação*. Lisboa: Presença, 1993b.

EM TEXTOS inéditos, escritores expressam desejos para 2020. *O Globo*, 31 dez. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/emtextos-ineditos-escritores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702>. Acesso em: 13 out. 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia; Ed. UFPB, 2005. p. 218-241.

GARUBA, Harry. Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Tradução: Elisângela da Silva Tarouco. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 2, n. 19, p. 235-256, 2012.. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451673021.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. São Paulo: n-1, 2018.

MIRANDA, Fernanda R. *Silêncios prEscritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras – 1859-2006*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. Tradução: Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOUTINHO, Marcelo (org.). *Contos de axé: 18 histórias inspiradas nos arquétipos dos orixás*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Daniela Galdino; SOUZA, Florentina da Silva. LIJAFRO: propriedades disjuntivas e autoria negra como posicionamento a contrapelo. In: OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus; SANTIAGO, Ana Rita (org.). *Literaturas Afro-brasileira e Africanas: produção, ensino e possibilidades*. Campinas: Mercado das Letras, 2020. p. 239-266.

NASCIMENTO, Solange Aparecida do; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Cosmogonia africana: a resistência das religiões africanas na contemporaneidade. *Escritas, Is. IJ*, v. 8, n. 1, p. 88-106, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/2463/8843>. Acesso em: 26 set. 2022.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Pólen, 2020.

RIBEIRO, Djamilia. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MESESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-72.

SANTIAGO, Ana Rita. A autoria negro-feminina no Brasil e em Moçambique: algumas possibilidades e desafios ao ensino de literaturas. In: OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus; SANTIAGO, Ana Rita (org.). *Literaturas Afro-brasileira e Africanas: produção, ensino e possibilidades*. Campinas: Mercado das Letras, 2020. p. 143-164.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. Tradução: Danielli Jantobá; Danú Gotijo. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SOYINKA, Wole. *Myth, Literature, and The African World*. Londres: Cambridge University Press, 1976.

SOUZA, Florentina da Silva. Lutando contra o silenciamento. In: MIRANDA, Fernanda Rodrigues. *Silêncios prEscritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras – 1859-2006*. Rio de Janeiro: Malê, 2019. p. 5-14.

SOUZA, Livia Natália de. *As férias fantásticas de Lili*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

TOKARCZUK, Olga. O narrador sensível. Tradução: Alcione Nawroski. *História Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 20, n. 3, p. 191-209, 2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/11658/114115370>. Acesso em: 10 nov. 2023.

VARGAS, Débora Jael R.; SILVEIRA, Regina da Costa da. O insólito na literatura e a cosmovisão africana. *Letras e Letras, Is. IJ*, v. 30, n. 1, p. 207-218, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/27411/16344>. Acesso em: 29 set. 2022.

Rayron Lennon Costa Sousa

Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal e professor do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa/UFMA. Doutor em Letras, área de concentração em Literatura, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Letras, área de concentração em Teoria Literária, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Vice-líder do grupo de estudos e pesquisas em Literatura e outras Artes: identidade, alteridade e decolonialidade (GPLADE).

Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Professor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), atuando na Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL/UFPI). Coordenador do Grupo de Pesquisa LLER – Literatura, Leitura e ensino (CNPq/UESPI). Editor-chefe do periódico eletrônico Letras em Revista/UESPI. Mestre e doutor em Letras (PUCRS/CAPES). Realizou estágio de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Endereço para correspondência:

RAYRON LENNON COSTA SOUSA
Universidade Federal do Maranhão
Centro de Ciências de São Bernardo (CCSB)
Rua Projetada, s/n
Planalto, 65.550-000
São Bernardo, MA, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.